



A SIMBIÓTICA RELAÇÃO ENTRE ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ

Gabriela Stefani^{a*}

a) FSG Centro Universitário

Informações de Submissão	Resumo
<p>*gabi.stefani4@hotmail.com Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472</p>	<p>A presente pesquisa tem como objetivo analisar a evolução das relações diplomáticas entre a República Islâmica do Irã e os Estados Unidos da América. Observar-se-á brevemente as relações bilaterais entre ambos países antes e depois da Revolução de 1979, bem como em alguns pontos importantes durante o governo Bush (2001-2009). O escopo estará delimitado tão somente no governo Barack Obama e seus reflexos na atual administração Donald Trump, paralelamente à governança iraniana do líder supremo Ali Khamenei e sob a presidência de Mahmoud Ahmadinejad e Hassan Rouhani. Para tanto será utilizado a teoria realista como viés teórico, além de discursos proferidos por ambas lideranças no que se referem às relações internacionais entre os mesmos. Justifica-se a importância desse artigo por analisar as relações internacionais entre dois países influentes no sistema internacional: o Irã e os Estados Unidos. De um lado, uma nação peculiar na sua essência, apoiada pela Rússia e grande detentora de poder nuclear. De outro, a hegemonia mundial que considera o Oriente Médio como questão de segurança nacional e é aliada de inimigos históricos do Irã na região: Arábia Saudita e Israel.</p>
<p>Palavras-chave: Estados Unidos. Irã. Relações Internacionais. Política Externa.</p>	

1 INTRODUÇÃO

Até o momento da eclosão da Revolução Iraniana de 1979, as relações diplomáticas entre Irã e Estados Unidos eram promissoras e prósperas, semelhante à relação Israel-EUA e muito mais do que a relação atual entre Arábia Saudita e EUA. O resultado principal da revolução foi o fim das relações amigáveis entre ambos países e o início de uma era instável e, até mesmo, beligerante entre as duas nações. Os vínculos entre políticos iranianos e estadunidenses passaram de harmonizados para hostis¹. O Irã

¹ É considerado como exemplo de tal hostilidade o episódio que ficou conhecido como a Crise dos Reféns, onde foram feitos reféns norte-americanos na embaixada dos Estados Unidos no Irã durante meses, os sequestradores eram estudantes revoltados que tiveram o apoio direto da Guarda Revolucionária do Líder Supremo iraniano.

foi considerado parte do “Eixo do Mal” durante a administração Bush filho (2001-2009) e somente sob o governo Obama (2009-2017) que os Estados Unidos voltaram a considerar o reatamento dos laços com o país persa. Entretanto, com a posse do presidente eleito Donald Trump (2017), homem de perfil peculiar e extremista, passou-se a questionar o papel que o Irã viria a ter na política externa estadunidense.

O objetivo desta pesquisa é responder a seguinte pergunta: as relações internacionais entre Irã e Estados Unidos estão se deteriorando ou aprimorando? Para tanto, será analisado brevemente a situação de Teerã antes e depois da Revolução Iraniana para entender como, em poucas décadas, o país tornou-se de aliado geopolítico para fazer parte do “eixo do mal” sob a administração Bush. Além disso, é relevante abordar a busca tanto por Obama quanto por Rouhani, presidente iraniano, por um acordo nuclear que acabaria com a instabilidade no Oriente Médio bem como com as sanções econômicas que assolam a população iraniana. Em contrapartida, a presente pesquisa não poderia deixar de expor a atual conjuntura instável que Donald Trump criou não só no Irã, mas também no Oriente Médio como um todo.

Justifica-se a importância da pesquisa por trazer à tona as relações internacionais entre duas nações estratégicas no sistema internacional que afetam parâmetros regionais e mundiais. De um lado uma nação geopoliticamente importante, rica em termos nucleares, peculiar em sua essência e apoiada por nações inimigas históricas dos Estados Unidos, como a Rússia. Em contrapartida, a potência mundial que trata o Oriente Médio como questão de segurança nacional, com capacidade bélica grandiosa e com aliados na região do médio oriente preocupados com o poderio nuclear iraniano, como Arábia Saudita e Israel. Para tanto, serão usadas as seguintes obras: *Teoria das Relações Internacionais* de Gilberto Sarfati (2005); *A Segunda Guerra Fria* de Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017); *Os Estados Unidos e o Século XXI* de Cristina Soreanu Pecequilo (2012); *Guerras Sujas* de Jeremy Scahill (2014) e entre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, notou-se a necessidade de haver uma disciplina desligada de diplomatas, historiadores e juristas, capaz de estudar as causas da guerra e seus respectivos métodos para evita-la em prol da paz. É sob esse contexto que o inglês David Davies cria, em 1919, a primeira cátedra universitária das Relações

Internacionais, dando início a vida da disciplina². Os anos posteriores da disciplina foram dedicados a encontrar uma teoria que definisse o que era as Relações Internacionais. Atualmente, a mesma pode contar com diversas teorias que discordam entre níveis de análises, atores prioritários e de soluções para as guerras. Com base nisso, esse artigo buscará utilizar-se da teoria realista moderna sob os nuances de Hans Morgenthau (1948). Os escritos de Morgenthau culminaram as relações internacionais de tal forma que nos anos posteriores à publicação de sua obra, o realismo moderno foi utilizado na formulação de políticas externas de grandes nações do sistema internacional³.

2.1 Realismo

A ótica realista, utilizada neste artigo, é considerada como clássica, tradicional e predominante na disciplina de Relações Internacionais⁴, uma vez que a mesma acredita que o Estado é o principal ator nos trâmites mundiais e, em consequência do sistema internacional ser anárquico, onde inexistente uma força capaz de governar mundialmente, busca sua sobrevivência em termos de poder⁵. Segurança e poder são os conceitos que norteiam a teoria realista, bem como a visão pessimista do ser humano, tendo em vista que o homem é mau e egoísta por natureza e age somente em prol de seus interesses.

Utilizar-se-á, principalmente, os pensamentos de Hans Morgenthau (1904-1980) dentro da teoria realista. Morgenthau, de família judia, contribuiu diretamente na delimitação da política externa norte-americana na era Bush filho e procurou orientar os assuntos internacionais dos Estados Unidos da América no pós Segunda Guerra Mundial. Os desafios que deveriam ser enfrentados pela nação eram, especialmente, o cenário caracterizado pela transferência de poder do multipolarismo para o bipolarismo e o desenvolvimento da tecnologia nuclear, bem como com a disputa entre as ideologias soviéticas e estadunidenses⁶.

Segundo Morgenthau⁷, como resultado do advento das armas nucleares, a paz mundial só seria alcançada através do que é denominado equilíbrio de poder. Conceito

² GONÇALVES, 2002, p. 1.

³ SARFATI, 2005, p. 88.

⁴ PECEQUILO, 2004, p. 116.

⁵ SARFATI, 2005, p. 72.

⁶ SARFATI, 2005, p. 91.

⁷ Idem.

entendido como “situação em que o poder militar de dois países está equilibrado e, portanto, a probabilidade da eclosão de um conflito direto é muito baixa” (SARFATI, 2005, p. 367). Com base nisso, o teórico define os seis princípios realistas das relações internacionais, sendo eles:

- 1) A política obedece as leis objetivas que são frutos da natureza humana e, por isso, qualquer melhoria social deve levar isso em conta;
- 2) O interesse dos estados é sempre definidos em termos de poder;
- 3) O conceito de interesse traduzido em poder é uma categoria objetiva de validade universal, ou seja, constante na história da humanidade;
- 4) Os princípios morais universais não podem ser aplicados aos atos dos Estados, senão filtrados e analisados a partir das circunstâncias de tempo e lugar;
- 5) As aspirações morais de uma nação em particular não podem ser identificadas com os preceitos morais que governam o universo; e
- 6) A esfera política é autônoma, ou seja, não é subordinada a nenhuma outra esfera. (SARFATI, 2005, p. 92).

A escolha do realismo sob os olhos de Hans Morgenthau para o presente artigo justifica-se pelo fato do pensador ter influenciado diretamente na política externa adotada pelo presidente George Walker Bush (2001-2009), cuja administração será posteriormente mencionada. Bem como, por ser a teoria que melhor aplica o conceito de equilíbrio de poder, situação importantíssima para compreender as razões do porquê a República Islâmica do Irã buscou criar um programa nuclear e porque é tão difícil para o país desistir do desenvolvimento de tal poderio.

3 RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ ANTES E DEPOIS DE 1979

Durante toda a história iraniana o país foi alvo de disputas territoriais, uma vez que a nação se encontra estrategicamente localizada no Oriente Médio, fazendo fronteira com países asiáticos, estando próxima da Europa e da Rússia e sendo banhada por mares importantíssimos para o comércio mundial de petróleo. Destaca-se dessa forma a relevância do país para a maior potência internacional: os Estados Unidos. Uma vez que o Irã é um grande *player* no Oriente Médio por conta de seu poderio nuclear e

sua produção de petróleo, bem como por sua influência na política externa dos países árabes da região.

Por causa destes atributos estratégicos do país, a região sofreu com as disputas entre britânicos e russos ainda no século XIX, o que resultou no desejo da população iraniana por independência. Dessa forma, ascende ao poder, em 1921, o Xá Reza Khan Pahlavi que tinha como objetivo buscar a autossuficiência do país por meio de modernidade e independência das potências estrangeiras⁸. Em sua administração, o exército desempenhava papel crucial para o interesse nacional e a partir desse momento começa-se a enriquecer belicamente e popularmente as Forças Armadas Iranianas⁹.

O Xá Reza Pahlavi buscava a autossuficiência do país, mas com a descoberta de petróleo no Iraque em 1907 e posteriormente no Irã, as potências estrangeiras passaram a influenciar ainda mais na política nacional. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e Grã-Bretanha começaram a temer a possível influência que a União Soviética poderia vir a ter em Teerã, ambos países lutaram em solo iraniano e, mesmo após a retirada de tropas soviéticas, as Forças Armadas estadunidenses e britânicas permaneceram no país para garantir seus interesses na região¹⁰.

A ingerência norte americana torna-se visível quando, em meio ao projeto de centralização de poder nas mãos do filho do Xá, Mohamed Reza Pahlavi, foi criada a polícia secreta iraniana, SAVAK, que recebia treinamento direto da CIA (Central Intelligence Agency) e do MOSSAD*¹¹. Ademais, segundo Simão (2011) é durante o regime do Xá Pahlavi filho que o Irã se torna o principal comprador de armas dos Estados Unidos, gerando na população iraniana aversão ao país americano¹². O autor (2011, p. 317) salienta que “a história das relações entre os EUA e o Irão, até 1979, mostram a construção de uma aliança de necessidade”.

O país sob a administração dos Xás usou-se de dois elementos em sua política regional: o Islã e o petróleo. A política externa iraniana para com os países árabes era delineada por meio de alianças com monarquias e dentro da esfera de influência de grandes potências, uma vez britânica e, após, norte-americana. Destaca-se aqui a participação negativa da Arábia Saudita na pauta internacional iraniana, uma vez que o

⁸ MAGALHÃES, 2015, p. 116.

⁹ MAGALHÃES, 2015, p. 117.

¹⁰ Idem, p. 118.

¹¹ Idem.

* CIA: Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos. MOSSAD: Serviço Secreto Israelense.

¹² SIMÃO, 2011, p. 317.

wahabismo sunita* ameaçava o xiismo iraniano. A rivalidade entre os dois países também recebiam respaldo de conflitos políticos, criando uma situação de balanceamento de poder e dilema securitário no Oriente Médio. Os sauditas viram-se obrigados a investir em segurança para poder se proteger de um possível ataque originado no Irã, tal situação também ameaçava o Iraque, que faz fronteira direta com a nação¹³.

As relações entre Irã e demais potências estrangeiras eram pautadas no termo “equilíbrio negativo” que significava a manobra política adotada pelos xás para impedir de estar sob a influência soviética ou britânica¹⁴. Ademais, os iranianos optam por unir-se aos Estados Unidos com o intuito de buscar uma autonomia da Grã-Bretanha¹⁵. Por sua vez, as preocupações estadunidenses para com o Oriente Médio se baseavam em dois pontos principais: a invasão da União Soviética no Afeganistão e; a queda do Xá no Irã. A última representava o comprometimento das relações amigáveis entre ambos países, bem como a instabilidade no fornecimento de petróleo iraniano para o mundo¹⁶. Segundo Magalhães (2015, p. 124-5).

O xá sempre se aproveitou de sua posição estratégica tanto de fronteira com a URSS quanto de grande produtor de petróleo para pressionar as superpotências por auxílios financeiros e militares. O Irã era considerado pelos americanos como uma esfera de defesa avançada na luta de contenção do comunismo. Ao longo dos anos 1950, chega a receber cerca de um bilhão de dólares em ajuda militar dos EUA e utiliza tais recursos para ampliar o domínio interno do governo (...) O engajamento militar iraniano é reflexo de sua importância geopolítica para as superpotências, em particular os EUA, e da forma como o xá buscava assegurar seu poder internamente. (MAGALHÃES, 2015, p. 214-5)

A Revolução Islâmica de 1979 foi desencadeada após anos de centralização de poder nas mãos de Pahlavi, manobras corruptivas e desigualdade decorrentes das grandes receitas advindas do comércio de petróleo. O Aiatolá Ruhollah Khomeini surge como uma alternativa ao governo mal quisto de Pahlavi, sua administração foi marcada pela frase “nem Oriente, nem Ocidente, mas a República Islâmica” na qual enfatizava o

¹³ MAGALHÃES, 2015, p 124.

* Corrente islâmica

¹⁴ BAKHASH, 2001, p. 256.

¹⁵ MAGALHÃES, 2015, p. 124.

¹⁶ AMORIM, 2016, p. 4

caráter único que a República Islâmica do Irã adotou após ser o primeiro estado a legitimar um governo islâmico¹⁷. A aversão aos estadunidenses floresce a partir do momento em que Khomeini denunciou a “submissão do regime do Xá aos interesses norte-americanos” (SIMÃO, 2011, p. 318).

A República Islâmica do Irã possuía três objetivos principais: a exportação da revolução; a consolidação da unidade islâmica e; o reconhecimento de que a desunião islâmica no Oriente Médio era fruto da presença de potências estrangeiras. O primeiro deles é referente ao sonho de Khomeini de que a revolução islâmica fazia parte de um projeto maior, no qual todos países do Oriente Médio viriam a seguir. Já o segundo, era necessário que houvesse união entre muçulmanos, especialmente entre Xiitas e Sunitas. E, por sua vez, o último objetivo se refere aos resultados negativos que as potências estrangeiras, interessadas somente em explorar as riquezas do território e evitar o fortalecimento do Islã, traziam para a região¹⁸.

Talvez a maior demonstração da deterioração das relações internacionais entre Estados Unidos e Irã a partir da Revolução Islâmica seja no caso que ficou conhecido como a crise dos reféns. A tensão iniciou após o presidente estadunidense Jimmy Carter oferecer asilo ao Xá Reza Pahlavi em seu território para cuidados médicos. Como retaliação a essa medida, estudantes iranianos invadiram a embaixada norte-americana em solo persa e fizeram reféns funcionários durante um período de quatorze meses. Mesmo que de início Khomeini repreendeu os estudantes pela retaliação, mais tarde o Aiatolá usou os reféns como moeda de barganha, com o objetivo em fazer os EUA ceder ao interesse nacional iraniano. A crise levou ao público a fraqueza dos EUA ao lidarem com uma República Islâmica, ao mesmo tempo que demonstrava o rompimento das relações entre iranianos e estadunidenses¹⁹.

A Guerra Irã-Iraque (1980-1988) inaugurou o novo caráter da então República Islâmica. Os Estados Unidos não interviram diretamente no conflito, mas usaram do Iraque para tentar enfraquecer o Irã. Segundo Ebraico (2005, p. 45) “os EUA e o Ocidente, temendo a Revolução Iraniana, apoiaram o Iraque durante o conflito” vendendo equipamentos e substâncias químicas para “o desenvolvimento do projeto de armas de destruição em massa iraquiano”. Tal projeto faria com que o Irã se tornasse o

¹⁷ SIMÃO, 2011, p. 314.

¹⁸ SIMÃO, 2011, p. 320.

¹⁹ EBRAICO, 2005, p. 50.

segundo país mais atingido por armas químicas, ficando atrás somente do Japão²⁰. Ainda conforme a mesma autora (2011, p. 45), todo o armamento utilizado na Guerra Irã-Iraque serviu ao uso de Saddam Hussein para invadir e atacar o Kuwait em 1990.

De acordo com Simão (2011, p. 321) houveram dois pontos-chaves que fizeram Saddam Hussein invadir o Irã: oportunidade e receio. O primeiro se refere ao objetivo de enfraquecer o Irã e conquistar partes de seu território. Já o segundo diz respeito ao receio que a ideologia da República Islâmica de maioria Xiita pudesse influenciar na minoria xiita no Iraque. Mesmo que no início o Irã viu-se em desvantagem, os líderes iranianos e, principalmente, o aiatolá não tardaram em utilizar-se da guerra para consolidar o seu poder.

A Guerra Irã-Iraque deixou claro para os iranianos de que eles dependiam de si mesmo para manter-se seguros no sistema internacional, uma vez que países europeus, árabes e os EUA apoiaram o Iraque durante a guerra. O conflito gerou a sensação de medo e suspeita entre os países do Oriente Médio, uma vez que desde o momento que o Irã tornou-se um dos principais players na região por conta do seu poderio militar e das receitas advindas do petróleo, Iraque e Arábia Saudita temiam que o poder iraniano afetasse a balança de poder estabelecida no Oriente Médio e subjugasse os demais países árabes²¹.

Simão (2011, p. 323) expõe que “para os iranianos e seus líderes tornou-se claro que, só dependendo de si mesmo, o Irã poderia sobreviver num contexto hostil” que prevalecia no Oriente Médio. Naquela altura, a República Islâmica mantinha-se isolada do restante do mundo, optando por buscar alianças com países remotos que pudessem fortalecer a segurança do Irã na região, como Rússia, Síria e, até mesmo, Israel. No início, a aliança Rússia-Irã era limitada somente ao fornecimento de armamentos e tecnologia militar, mais tarde proporcionou aos russos um aliado influente no Oriente Médio que serviria para o abastecimento de petróleo, bem como para a execução de seus interesses na região que sobrepujaram aos norte-americanos. Além da Rússia, o Irã importava armamentos advindos da Síria, tal aliança significava para Damasco um apoio na luta contra a ingerência estadunidense. Mesmo sendo inimigos históricos, Israel necessitou aliar-se ao Irã como forma de impedir que o expansionismo de Saddam Hussein dominasse o Oriente Médio. Em contrapartida, os iranianos necessitavam o

²⁰ EBRAICO, 2005, p. 45.

²¹ MAGALHÃES, 2015, p. 124.

apoio militar israelita, fazendo com que a relação entre ambos países deixasse de lado as divergências ideológicas e religiosas em prol dos objetivos securitários²².

É importante ressaltar o episódio das relações entre Irã e Estados Unidos, logo após a Revolução Iraniana, que ficou conhecido como o escândalo Irã-Contras. Este fato ocorreu durante a administração do presidente Ronald Reagan que ambicionava reatar os laços amigáveis perdidos com a ascensão do Aiatolá à liderança iraniana. O escândalo ocorreu durante a Guerra Irã-Iraque e consistiu na venda secreta de armas para o Irã enquanto apoiava com muito mais recursos o Iraque. Segundo Ebraico (2005, 61)

O plano conhecido como Irã-Contras era secreto e violava a lei americana em vários aspectos. O Irã-Contras tinha três objetivos fundamentais, o primeiro era garantir uma maior aproximação entre a administração Reagan e o Aiatolá Khomeini através da venda de armas para o Irã durante a guerra contra o Iraque. (...) O segundo objetivo do Irã-Contras era conseguir como um ato de boa vontade e gratidão de Khomeini à libertação dos reféns no Líbano. Além disso, as armas seriam vendidas para o Irã através dos Contras da Nicarágua que poderiam cobrar até duas ou três vezes o valor das armas, e com isso poderiam se financiar e manter o conflito contra o governo sandinista, este era o terceiro objetivo.

Publicamente, a administração Reagan prometia que nunca, em nenhuma hipótese, seria vendido armas para o Irã, dessa forma demais países da comunidade internacional eram influenciados a adotarem o embargo de armas contra os iranianos. Quando o escândalo do Irã-Contras veio à tona, a credibilidade de Reagan não foi a única posta em xeque, mas também todo o discurso proativo dos Estados Unidos foram desacreditados, bem como todo o aparato de inteligência secreta estadunidense. O Comitê do Congresso norte-americano alegou que Reagan, ao optar por vender armas em troca de reféns, gerava descrença e desdenho pela lei estadunidense²³.

Sintetizando, a República Islâmica do Irã foi alvo de grandes potências desde séculos passados por conta de sua localização estratégica terrestre e marítima. No momento em que conquista certa independência da Grã-Bretanha, os Estados Unidos se tornam seu principal parceiro. Em contrapartida, Teerã era para Washington um

²² SIMÃO, 2011, p. 322.

²³ EBRAICO, 2005, 62.

parceiro vital para seus interesses no Oriente Médio, seja no fornecimento de recursos naturais, como o petróleo, ou seja para sobrepor a influência russa na região. No instante que a população iraniana se revolta após anos de desigualdade e corrupção, ascende no poder o aiatolá responsável por dar vida ao primeiro estado Islâmico. Ruhollah Khomeini rompe as relações do país com o ocidente, principalmente no que condiz aos Estados Unidos, insere a nação numa guerra e percebe que a sobrevivência do Irã só dependia dos próprios iranianos. O conceito de equilíbrio de poder desenvolvido por Morgenthau era posto em prática no Oriente Médio e o realismo estava presente na política externa mais do que nunca.

4 POLÍTICA EXTERNA ENTRE IRÃ E ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO DE GEORGE W. BUSH (2001-2009)

Com o ataque as Torres Gêmeas e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001, o presidente George W. Bush guiou os Estados Unidos para uma nova guerra declarada: a Guerra Global ao Terror (Global War on Terror – GWT). Segundo Pecequilo (2012, p. 128) Afeganistão, Iraque e Irã representavam um desafio geopolítico aos interesses estadunidenses por conta de sua “autonomia política, influência em seu entorno e recursos de poder estratégicos e militares”. Dessa forma, Bush guiou sua política externa baseando-se em dois tópicos primordiais: prevenção e expansão.

O início desse período foi caracterizado pelo agravamento do unilateralismo norte-americano no pós-11/09 consubstanciado na GWT, a Guerra do Afeganistão (2001), a condenação do programa nuclear iraniano na ONU (2001), a inclusão do Irã como membro do Eixo do Mal (2002), a Doutrina preventiva (2002), e a Guerra do Iraque (2003), situações que provocaram o aumento da percepção do “estrangulamento” do Irã na região. Dentro da lógica da Doutrina Preventiva, o Irã e a Síria eram considerados como potenciais alvos da GWT na sequência da operação no Iraque. (PECEQUILO, 2012, p. 130).

Em janeiro de 2002, quatro meses após o ataque às Torres Gêmeas, George W. Bush caracterizou Irã, Iraque e Coreia do Norte como parte de um “Eixo do Mal”, segundo o presidente esses países eram responsáveis por exportar, utilizar ou desenvolver armas de destruição em massa e, dessa forma, financiavam o terrorismo.

Tal fala reverberou em discursos polêmicos dos acusados e distanciou ainda mais a remota chance de aproximação iraniana com os Estados Unidos²⁴.

Coreia do Norte é um regime armado com mísseis e armas de destruição em massa, enquanto seus cidadãos morrem de fome. Irã busca agressivamente essas armas e exportam o terror, enquanto não eleitos reprimem a esperança do povo iraniano por liberdade. Iraque continua a exibir sua hostilidade com a América e apoia o terrorismo. (...) Estados como esses, e seus aliados terroristas, constituem um Eixo do Mal, armando-se para ameaçar a paz no mundo. Procurando armas de destruição em massa, esses regimes representam um perigo grave e crescente. Eles podem fornecer essas armas para terroristas, dando a eles os meios para combinar seu ódio. Eles podem atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer desses casos, o preço da indiferença seriam catastróficos. (BUSH, 2002²⁵)

O cerco que se formava nas fronteiras iranianas fez com que o Irã temesse ser o próximo alvo no Oriente Médio dos Estados Unidos sob o contexto da Guerra Global ao Terror. Com o intuito de proteger a si mesmo, o país adotou uma política preventiva que detinha como principais preocupações a estabilização do Afeganistão, a presença dos interesses iranianos na nova estrutura política iraquiana, a garantia de sua segurança interna e a promoção da estabilidade regional²⁶.

A preocupação iraniana em se tornar o próximo alvo norte-americano estava até certo ponto correta, o governo Bush já planejava uma possível invasão ao país, seja durante seu governo ou na administração de seus sucessores. A invasão estava sendo organizada pelo sistema de inteligência secreto da CIA, no qual consistia em pagar agentes secretos estrangeiros para atravessar a fronteira entre Iraque e Irã e coletar a maior quantidade de informações possíveis sobre o país iraniano e, principalmente, sobre sua capacidade nuclear. Segundo Mazzetti (2016) o verdadeiro objetivo da operação era

Construir, o máximo possível, uma rede de inteligência dentro do Irã – uma rede que poderia ser acionada caso o presidente Bush ou algum de seus sucessores decidisse

²⁴ THE WHITE HOUSE. President George W. Bush. Acesso em 02 nov. 2017. Disponível em <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>>

²⁵ THE WHITE HOUSE. President George W. Bush. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 02 nov. 2017. Disponível em <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>>

²⁶ SIMÃO, 2011, p. 330.

invadir o país. Como tantas outras missões militares em zona de guerra não declaradas, as operações no Irã eram justificadas como “preparação do campo de batalha”. (MAZZETTI, 2016, p. 142)

5 RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E ESTADOS UNIDOS DURANTE O GOVERNO DE OBAMA (2009-2017)

Mesmo que houvesse a tentativa de reaproximação entre ambas nações, as relações internacionais entre Estados Unidos da América e a República Islâmica do Irã se deterioraram durante a administração Bush. Inclusive, tal agravamento resultou na retomada do programa nuclear iraniano em prol de sua segurança. De acordo com Simão (2011, p. 330) o desenvolvimento do poderio nuclear deveria ser “entendido como uma forma de compensar o isolamento internacional e regional e de assegurar que a sua política de independência e autossuficiência são mantidas”.

Com a posse do presidente eleito Barack Hussein Obama, em 2009, criou-se a expectativa de que o cenário hostil entre ambas nações mudasse, uma vez que ambos presidentes buscavam vias diplomáticas, e não beligerantes, para resolução de controvérsias. Desde os primeiros dias de seu governo, Obama demonstrou empatia pelo povo iraniano e por sua cultura, sendo que em março do ano de sua posse aproveitou o ano novo iraniano para desejar felicidades e prosperidade ao povo iraniano e afirmou que sua administração buscaria a conciliação entre ambos países²⁷. Durante 2009 a 2017 as relações internacionais entre Irã e Estados Unidos basearam-se em desenvolver um acordo nuclear com o intuito de garantir que o país iraniano não viria a possuir armas nucleares.

5.1 O Poderio Nuclear Iraniano

O programa nuclear iraniano teve início durante a Era Pahlavi sob o pretexto de tornar o país autossuficiente. No entanto, com a ascensão do aiatolá ao poder desligou-

²⁷ G1 GLOBO. Obama envia mensagem surpresa ao Irã e fala de novo começo. Acesso em 07 nov. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1051089-5602,00-OBAMA+ENVA+MENSAGEM+SURPRESA+AO+IRA+E+FALA+DE+NOVO+COMECO.html>>

se todo o desenvolvimento do segmento e o aparato nuclear foi interrompido²⁸. De acordo com Bandeira (2017, p. 503) Khomeini proibiu a fabricação e o uso de qualquer arma de destruição em massa. Após seu falecimento, em 1989, o atual aiatolá Ali Khamenei assume o poder e retoma o programa nuclear, após muita relutância. Ainda de acordo com o mesmo autor

O aiatolá Ali Khamenei e o presidente Mahmoud Ahmadinejad avaliavam que a posse de armas nucleares somente daria ao Irã uma pequena vantagem regional de curto prazo, que se transformaria em uma vulnerabilidade em longo prazo, ao desencadear no Oriente Médio uma corrida armamentista, com a participação de Egito, Turquia e Arábia Saudita. (BANDEIRA, 2017, p. 506)

A partir de 2003 o presidente iraniano da época, Mahmoud Ahmadinejad, começou a buscar por novas parcerias em âmbito internacional no nível energético, a Rússia, por exemplo, esteve estritamente envolvida na construção de reatores nucleares nas cidades Busher, Natanz e Arak. A procura por parcerias estratégicas como China e Rússia propôs ao Irã vantagens estratégicas no sistema internacional, uma vez que de acordo com Pecequilo (2012, p. 134)

Além da aceleração do programa nuclear, Ahmadinejad ampliou a ação da política externa iraniana, com o reforço das parcerias político-estratégicas com Rússia e China, baseadas no componente energético (petróleo e nuclear). Ambas as nações, membros do Conselho de Segurança, oferecem um contraponto às constantes pressões norte-americanas e europeias ao Irã nesse Conselho e via AIEA, como possuem interesses convergentes com o Irã no sentido de prevenir a expansão dos Estados Unidos na Eurásia.

O programa nuclear iraniano ameaçava a segurança dos principais aliados norte-americanos no Oriente Médio: Arábia Saudita e Israel. A maioria sunita saudita é historicamente inimiga da maioria xiita iraniana. Além disso, a ideologia adotada pelo Irã contrapõe diretamente o judaísmo israelense, tal inimizade agrava-se com os discursos polêmicos do presidente Ahmadinejad ao negar a existência do Holocausto²⁹. Deste modo, os Estados Unidos viram-se obrigados a tomarem medidas protetivas para barrar o desenvolvimento nuclear iraniano.

²⁸ BANDEIRA, 2017, p. 503.

²⁹ PECEQUILO, 2012, p. 134.

5.2 O “Iran Deal” de Obama

O *Joint Comprehensive Plan of Action* (JCPOA)* nasceu após a iniciativa que ficou conhecido como o Acordo Tripartite entre Brasil, Turquia e Irã, com o apoio direto de Obama. Pecequilo (2012, p. 135) afirma que o acordo tinha o intuito de “estabelecer um ponto de partida para as futuras conversações entre o Irã e a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA)” de forma a unir as demandas dos Estados Unidos e do Conselho de Segurança das Nações Unidas para com o perigo que o programa nuclear iraniano representava para a região. Paralelamente ao Acordo Tripartite, o presidente norte-americano não hesitava em agir via diplomacia ou operações secretas.

Embora continuasse a afirmar que todas as opções estavam sobre a mesa, inclusive o “componente militar”, para impedir que o Irã adquirisse a capacidade de produzir armas nucleares, o presidente Barack Obama, para evitar um confronto armado, insistiu na solução do impasse por meio diplomáticos, em meio ao endurecimento de sanções e operações encobertas de sabotagem e assassinatos, a guerras nas sombras. (BANDEIRA, 2017, p. 504).

Após dois anos de negociação, em julho de 2015, Estados Unidos, Irã, Reino Unido, França, China, Rússia, Alemanha e a União Europeia* declararam que o acordo nuclear para barrar as chances de Teerã desenvolver armas nucleares entrava em vigência. O acordo tem o desígnio de assegurar que o programa nuclear iraniano seja usado somente para fins pacíficos, uma vez que a AIEA possui o livre acesso para fiscalizar e monitorar as dependências iranianas a cada poucos dias, sendo que o tempo necessário para desenvolver armas nucleares é de dois a três meses³⁰.

O acordo prevê a redução do estoque de urânio enriquecido iraniano, restrição das centrífugas iranianas para dois terços, prevenção da utilização de plutônio, rastreamento e monitoramento de todas as atividades nucleares e, por fim, prolongamento do tempo necessário para desenvolver uma arma nuclear de três meses

*O grupo das cinco potências do Conselho de Segurança das Nações Unidas mais a Alemanha ficou conhecido como P5+1.

³⁰ MEDIUM CORPORATION. Joint Comprehensive Plan of Actions. Acesso em 7 nov. 2017. Disponível em <https://medium.com/@ObamaWhiteHouse/joint-comprehensive-plan-of-action-5cdd9b320fd>

para um ano³¹. Tais condições reverberaram na mídia internacional e despontaram argumentos prós e contras, para Obama (2015) o acordo “uma vez proclamado como um erro histórico é agora sustentado como um sucesso”³², para o presidente iraniano, Rouhani, a conquista dá início a um novo capítulo nas relações internacionais entre ambas nações³³, para o Secretário de Segurança do Reino Unido, Philip Hammond, o acordo é vital para a segurança do país e para a estabilidade tão procurada para o Oriente Médio³⁴. Já para o primeiro ministro israelense além de ser um erro histórico, o acordo fornecerá “centenas de bilhões de dólares que servirão de combustível para sua máquina de terror e sua expansão e agressão no Oriente Médio e ao redor do mundo”³⁵. Por fim, enquanto o presidente iraniano discursa diplomaticamente e pacificamente, o Líder Supremo iraniano advertiu que o país não se deixaria enganar.

O documento JCPOA por ele mesmo, como eu disse, certamente tem fendas e falhas. Há algumas partes ambíguas nas quais tem ajudado o inimigo a ter vantagens. Essas fendas e falhas tem habilitado ao outro lado a ter vantagens. Claro, nós não iremos violar o JCPOA primeiro. Todo mundo deveria saber disso. Nós não iremos violar o JCPOA se o outro lado também não o violar. Claro, os indivíduos que estão concorrendo à presidência dos Estados Unidos estão constantemente ameaçando que o romperão. Bem, se eles o romperem, nós iremos incendiá-lo. (KHAMENEI, 2016)³⁶

6 RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA NO ATUAL GOVERNO DO PRESIDENTE DONALD TRUMP

O “Iran Deal” foi deveras abordado durante a campanha eleitoral estadunidense para presidência em 2016. Enquanto criticava demais políticas da administração Obama, Trump deixou claro que adotaria uma política firme e melhor em relação ao Irã. Em

³¹ THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Acesso em 8 nov. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/issues/foreign-policy/iran-deal>>

³² THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Acesso em 8 nov. 17. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/08/05/remarks-president-iran-nuclear-deal>>

³³ BBC Brasil. EUA e Irã anunciam acordo nuclear; para Israel, é erro histórico. Acesso em 8 nov. 17. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150714_iraueaacordo_abc>

³⁴ MEDIUM CORPORATION. Joint Comprehensive Plan of Actions. Acesso em 8 nov. 2017. Disponível em <<https://medium.com/@ObamaWhiteHouse/joint-comprehensive-plan-of-action-5cdd9b320fd>>

³⁵ BBC Brasil. EUA e Irã anunciam acordo nuclear; para Israel, é erro histórico. Acesso em 8 nov. 17. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150714_iraueaacordo_abc>

³⁶ KHAMENEI IRAN. If the US tears up the JCPOA, we will set it on fire. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 8 nov. 17. Disponível em <<http://english.khamenei.ir/news/3939/If-the-U-S-tears-up-the-JCPOA-we-will-set-it-on-fire-Ayatollah>>

contrapartida, o Líder Supremo iraniano Khamenei não deixava dúvidas de que a firmeza adotada pelos Estados Unidos seria paralelamente adotada pelo Irã. O antiamericanismo adotado pelos Líderes Supremos do país é um dos pontos principais para manter a legitimidade da estrutura política iraniana, uma maior aproximação com o “Grande Satã” resultaria em uma perda de apoio político ao Khamenei³⁷. Portanto, de acordo com Vatanka (2016, p. 7) um governo Trump seria uma vitória dada ao Líder Supremo.

Khamenei continuará a aceitar as negociações em curso do governo de Rouhani com os Estados Unidos para certificar que o JCPOA sirva para ambos lados. No entanto, ele estaria igualmente aceitando se o presidente dos Estados Unidos optasse – como o candidato a presidência Donald Trump sugeriu – retroceder com o acordo. (VATANKA, 2016, p. 6)

Por meio das redes sociais, tanto Trump quanto Ali Khamenei trocaram comentários ofensivos e discordantes entre si. O Líder Supremo afirmou que “oficiais estadunidenses querem um governante submisso no Irã, eles se tornam inimigos do Irã”³⁸, além disso o Aiatolá argumentou que “eu não quero perder meu tempo respondendo o discurso e as mentiras do presidente estadunidense bruto. É uma perda de tempo pra qualquer pessoa responder ele”³⁹, por fim, Khamenei se disse grato por Trump mostrar a verdadeira face dos EUA⁴⁰. Em contrapartida, Trump na 72ª Assembleia Geral das Nações Unidas, declara que

O governo iraniano esconde uma ditadura corrupta por trás do falso disfarce de uma democracia. (...) O acordo iraniano foi um dos piores e uma das transações mais imparciais que os Estados Unidos já fizeram parte. Francamente, aquele acordo é embaraçante para os Estados Unidos. (...) Ao invés de utilizar seus recursos para melhorar as vidas de iranianos, os lucros do petróleo vão para o fundo do

³⁷ VATANKA, 2016, p. 7. Tradução por: Gabriela Stefani.

³⁸ KHAMENEI, A. “US officials want a submissive ruler in Iran; otherwise, they become Iran’s enemy.” @Khamenei.Ir, 2 nov. 17. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 13 nov. 17. Disponível em <https://twitter.com/khamenei_ir/status/926064848030584837>

³⁹ KHAMENEI, A. “I don’t want to waste time on answering the rants and whoppers of the brute US president. It’s a waste of time for anyone to answer him.” @Khamenei.Ir, 18 out. 17. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 13 nov. 17. Disponível em <https://twitter.com/khamenei_ir/status/920576673808035840>

⁴⁰ RADIO FREE EUROPE. Iran’s Supreme Leader says Trump ‘reveals American’s real face’. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.rferl.org/a/iran-khamenei-trump-true-face-rohani-nuclear-deal-win-win/28294507.html>>

Hezbollah e para outros terroristas que matam muçulmanos inocentes e atacam a paz de seus vizinhos árabes e israelenses. (TRUMP, 2017⁴¹)

De acordo com a empresa de comunicação alemã Deutsche Welle, em outubro de 2017 a administração Trump rejeitou certificar o Irã de que o país estava cumprindo o acordo nuclear. Conseqüentemente, a rejeição gera espaço para novas sanções serem aplicadas ao país, o que prejudica “todas as empresas que voltaram a fazer negócios com o país depois da assinatura do acordo”, de forma que coloca os Estados Unidos em uma posição “delicada com os outros signatários do documento”⁴². A posição de Trump recebe forte apoio dos israelenses, que temem um ataque bélico advindo do Irã, e dos sauditas, que além de um ataque, temem a influência que a República Islâmica exerce sobre demais países da região⁴³.

Mesmo que haja receio de que o acordo nuclear seja cancelado durante o governo Trump, autoridades mundiais se posicionaram em prol do documento e em busca de esforços para o cumprimento do mesmo. O Secretário das Relações Exteriores do Reino Unido afirmou que se os Estados Unidos abandonasse o acordo, a unidade internacional se desintegraria de forma que “nós perderíamos o caminho mais efetivo em parar o Irã de desenvolver armas nucleares”⁴⁴. Federica Mogherini, chefe da diplomacia europeia, se opôs a <https://www.dw.com/pt-br/trump-rejeita-certificar-que-ir%C3%A3-cumpre-acordo-nuclear/a-40947725> o posicionamento de Trump, alegando que os EUA “não podem cancelar de forma unilateral o acordo” e acrescentou que o “pacto está funcionando”⁴⁵.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴¹ GENERAL ASSEMBLY, General Debate of the 72nd Session. Statement by the President Donald Trump. Acesso em 13 nov. 17. Disponível em <<https://gadebate.un.org/en/72/united-states-america>>

⁴² DEUTSCHE WELLE. Trump rejeita certificar que Irã cumpre o acordo nuclear. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/trump-rejeita-certificar-que-ir%C3%A3-cumpre-acordo-nuclear/a-40947725>>

⁴³ DEUTSCHE WELLE. O que Trump vê de errado no acordo com Irã. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/o-que-trump-v%C3%A9-de-errado-no-acordo-com-ir%C3%A3/a-40630273>>

⁴⁴ MEDIUM CORPORATION. Joint Comprehensive Plan of Actions. Acesso em 8 nov. 2017. Disponível em <<https://medium.com/@ObamaWhiteHouse/joint-comprehensive-plan-of-action-5cdd9b320fd>>

⁴⁵ DEUTSCHE WELLE. Trump rejeita certificar que Irã cumpre o acordo nuclear. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/trump-rejeita-certificar-que-ir%C3%A3-cumpre-acordo-nuclear/a-40947725>>

O objetivo deste artigo foi responder a seguinte pergunta: as relações internacionais entre Estados Unidos da América e República Islâmica do Irã estão melhorando ou deteriorando? Para tanto foram analisadas a política externa entre ambos no período da Revolução Islâmica em 1979, bem como os pontos-chaves a serem mencionados no antes e depois da revolução, os discursos proferidos por George W. Bush em seu governo, nos quais intitulava o Irã como parte do Eixo do Mal, o histórico acordo nuclear negociado sob o período Barack Obama e a hostilidade trocada entre Donald Trump e o Líder Supremo iraniano no período atual. Para atingir o objetivo final foram utilizadas bibliografias, notícias e discursos proferidos por figuras importantes para o Sistema Internacional, tais quais: primeiro ministro israelense, secretário de segurança inglês e os executores em chefes iranianos e estadunidenses respectivos para cada época abordada.

Com base na pesquisa, é possível afirmar que a relação simbiótica entre EUA e Irã acaba no momento que a Revolução Islâmica eclode, fazendo com que Teerã mude totalmente sua política interna e externa. No âmbito internacional o país buscou parcerias novas que pudessem lhe beneficiar de alguma forma, como China, Rússia ou Síria, além disso, se tornou claro que, sem o apoio dos Estados Unidos, os iranianos teriam que optar por formas mais robustas para sua defesa, tendo em vista que até hoje o país é um *player* de grande relevância regional, daí surge a opção pelo desenvolvimento de poderio nuclear.

Durante a administração Bush, as relações diplomáticas entre ambas nações se distanciaram ainda mais, uma vez que o presidente estadunidense caracterizou o Irã como integrante do “Eixo do Mal”, juntamente com a Coreia do Norte e o Iraque. Quando Barack Obama assume o poder em 2009, inicia-se uma nova era entre os dois países, uma vez que Obama demonstrou-se empático com a cultura islâmica e incentivou Turquia e Brasil a esboçarem um acordo que viria a ser a base do JCPOA em vigência no momento. No entanto, com Donald Trump assumindo a atual presidência dos Estados Unidos, as expectativas pela efetividade do JCPOA diminuíram, devido as mensagens ameaçadoras e de caráter beligerante trocadas tanto pelo presidente quanto pelo Líder Supremo iraniano.

Percebe-se que as relações internacionais iranianas são pautadas pelas premissas da teoria realista, tal situação advém do caráter beligerante que permanece no Oriente

Médio em consequência da quantidade expressiva de recursos naturais presente na região. A hostilidade entre Arábia Saudita, Irã e Israel formaram na extensão do médio oriente o balanceamento de poder, no qual se um Estado adquirir mais poder do que os demais, irá gerar uma corrida armamentista regional para voltar ao equilíbrio de poder. Como analisado anteriormente, este foi um dos argumentos cogitados pelo presidente iraniano Ahmadinejad e pelo Líder Supremo Khamenei ao retomar o programa nuclear do país.

O realismo está também presente no momento em que Rússia e China aliam-se paralelamente ao Irã com o intuito de obter vantagens sob o petróleo e a posição estratégica iraniana. Teerã por sua vez, não hesitou em aliar-se a esses países com o objetivo de ter a proteção de grandes potências que substituem a parceria estadunidense. Dessa forma, o aiatolá escreve em sua rede social “endereçado ao presidente russo: você tem uma personalidade forte e é um homem de decisões e ações”⁴⁶ Os demais tópicos de política externa do país são pautados com o intuito de garantir a segurança da República Islâmica num ambiente hostil à sua ideologia. Tal hostilidade foi gerada após anos de ingerência externa de potências estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos.

Portanto é possível dizer que as relações internacionais entre Irã e EUA estavam melhorando durante o governo de Barack Obama por meio do JCPOA, mas na atual conjuntura estão se deteriorando sob a presidência de Donald Trump e sua inflexibilidade com o acordo nuclear. No entanto, é possível afirmar que o documento recebe considerável respaldo internacional, uma vez que o ministro alemão do Exterior, Sigmar Gabriel, defendeu que uma retirada estadunidense do acordo faria com que a União Europeia e Reino Unido voltar-se-iam para China e Rússia, segundo ele “temos que dizer aos americanos que seu comportamento na questão iraniana conduzirá os europeus a uma posição comum com a Rússia e a China contra os EUA”⁴⁷.

8 REFERÊNCIAS

⁴⁶ KHAMENEI, A. “Addressing Russian president: you have a strong personality and are man of decisions and actions” 1 nov. 2017. @Khamenei.Ir. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <https://twitter.com/khamenei_ir/status/925784299953119232>

⁴⁷ DEUTSCHE WELLE. Romper com o Irã pode empurrar EU para o lado da Rússia e da China. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/romper-com-irã-pode-empurrar-ue-para-o-lado-da-rússia-e-da-china/a-40936536>>

AMORIM, Joalyson da Silva. **Geopolítica das Armas: Estados Unidos e Rússia e o Comércio Internacional de Armas**. Faculdade ASCES, 2016. Acesso em 3 out. 2017. Disponível em <<http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/202>>

BAKHASH, Shaul. Iran's foreign policy under the Islamic Republic 1979-2000. **Diplomacy in the Middle East: The International Relations of Regional and Outside Powers**. London & New York: I. B. Tauris, 2001, p. 247-258.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

BBC Brasil. **EUA e Irã anunciam acordo nuclear; para Israel, é erro histórico**. Acesso em 8 nov. 17. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150714_iraueaacordo_abc>

DEUTSCHE WELLE. **Trump rejeita certificar que Irã cumpre o acordo nuclear**. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/trump-rejeita-certificar-que-irã-cumpr-acordo-nuclear/a-40947725>>

_____. **O que Trump vê de errado no acordo com Irã**. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<http://www.dw.com/pt-br/o-que-trump-v%C3%AA-de-errado-noacordo-com-ir%C3%A3/a-40630273>>

_____. **Romper com o Irã pode empurrar UE para o lado da Rússia e da China**. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<http://www.dw.com/pt-br/romper-com-ir%C3%A3-pode-empurrar-ue-para-o-lado-da-r%C3%BAssia-e-da-china/a-40936536>>

EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça. **As opções de geopolítica americana: o caso do Golfo Pérsico**. Rio de Janeiro, 2005. 136p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

G1 GLOBO. **Obama envia mensagem surpresa ao Irã e fala de novo começo**. Acesso em 07 nov. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1051089-5602,00OBAMA+ENVIA+MENSAGEM+SURPRESA+AO+IRA+E+FALA+DE+NOVO+COMECO.html>>

GENERAL ASSEMBLY, **General Debate of the 72nd Session**. Statement by the President Donald Trump. United Nations. Acesso em 13 nov. 17. Disponível em <<https://gadebate.un.org/en/72/united-states-america>>

GONÇALVES, W. Relações Internacionais. **Centro Brasileiro de Documentação e Estudos da Bacia do Prata**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002, p. 1-38.

KHAMENEI, ALI. Leader's Speeches. **If the US tears up the JCPOA, we will set it on fire**. Acesso em 8 nov. 17. Disponível <<http://english.khamenei.ir/news/3939/If-the-U-S-tears-up-the-JCPOA-we-will-set-it-on-fire-Ayatollah>>

KHAMENEI, A. Twitter, @Khamenei.Ir, 18 out. 17. "I don't want to waste time on answering the rants and whoppers of the brute US president. It's a waste of time for anyone to answer him." Acesso em 13 nov. 2017. Disponível em <https://twitter.com/khamenei_ir/status/920576673808035840>

_____. @Khamenei.Ir, 2 nov. 17. "US officials want a submissive ruler in Iran; otherwise, they become Iran's enemy." Acesso em 13 nov. 17. Disponível em <https://twitter.com/khamenei_ir/status/926064848030584837>

MAGALHÃES, Emanuel Sebag de. **Geopolítica e Projeto Nacional de Desenvolvimento: Arábia Saudita, Egito, Irã e Iraque no contexto da Guerra Fria**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia. Rio de Janeiro: 2015.

MAZZETTI, M. **Guerra Secreta: a CIA, um Exército Invisível e o Combate nas Sombras**. Trad.: Flávio Gordon. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MEDIUM CORPORATION. **Joint Comprehensive Plan of Actions**. Acesso em 7 nov. 2017. Disponível em <<https://medium.com/@ObamaWhiteHouse/jointcomprehensive-plan-of-action-5cdd9b320fd>>

PECEQUILO, C. S. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PECEQUILO, C. S. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RADIO FREE EUROPE. **Iran's Supreme Leader says Trump 'reveals American's real face'**. Acesso em 14 nov. 2017. Disponível em <<https://www.rferl.org/a/irankhamenei-trump-true-face-rohani-nuclear-deal-win-win/28294507.html>>

SARFATI, G. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SIMÃO, Lúcia. República Islâmica do Irão (313-337) Política externa: As Relações Internacionais em Mudança. **Pombalina Coimbra University**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra: 2011.

SCAHILL, J. **Guerras Sujas: o mundo é um campo de batalha**. 1 ed. Trad.: Donaldson Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

THE WHITE HOUSE. **President George W. Bush. President Delivers State of the Union**. Acesso em 2 nov. 2017. Disponível em <<https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>>

_____. President Barack Obama. **The Historical Deal that Will Prevent Iran from Acquiring a Nuclear Weapon**. Acesso em 8 nov. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/issues/foreign-policy/iran-deal>>

_____. President Barack Obama. **The Remarks by the President on The Iran Deal**. Acesso em 8 nov. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/08/05/remarks-president-iran-nuclear-deal>>

VATANKA, Alex. U.S-Iran Relations: Recommendations for the next President. **Middle East Institute: Policy Focus Series**. Washington, 2016.